

Plásticos nas artes

Uma introdução sobre história e conservação material

Diana Bulcão Duarte Simões

Resumo: Materiais plásticos vêm sendo produzidos e aprimorados desde meados do século XIX. Desde que passaram a ser produzidos a nível industrial, a partir do século XX, principalmente nos anos 1950 em diante, diferentes tipos de plásticos começaram a ser utilizados por artistas na criação de obras de arte, como também por designers e arquitetos. Como consequência, esses materiais têm forte presença nos mais variados acervos e coleções museológicas, até mesmo na forma de objetos históricos. Ainda assim, o reconhecimento destes não é tão imediato, se comparado a materiais tradicionais. Pensando nisso, este ensaio busca apresentar uma breve introdução a respeito do surgimento de materiais plásticos, como eles foram incorporados por diferentes artistas, a partir de exemplos, e uma pequena reflexão inicial referente ao campo da conservação de materiais plásticos.

Palavras-chave: Plásticos; Acervos; Museus; Conservação; Identificação.

Diana Bulcão Duarte Simões

Mestranda em Ciência dos Materiais no Programa de Pós Graduação em Ciência dos Materiais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCIMAT/UFRGS), bacharel em Conservação e Restauração pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ). Pesquisa a presença de materiais plásticos em acervos, seus processos de deterioração e conservação em contexto museológico, atualmente com ênfase em espumas rígidas de poliuretano. **Contato:** dianabl9@gmail.com

Quando uma pessoa é abordada com a informação de que existem muitos objetos feitos de plástico em museus, na maioria dos casos, sua reação é de surpresa. Em geral, plásticos não são associados com obras de arte, objetos históricos ou obras arquitetônicas, existindo maior referência e conhecimento em relação a materiais tradicionais, como metais e minerais para esculturas, telas em linho e algodão, e tintas a óleo-, para pinturas.

Ao contrário do que sugere o senso comum, que materiais plásticos são recentes, e por isso, têm poucas chances de existirem em acervos e coleções museológicas, esses materiais já possuem quase dois séculos de existência, desde as primeiras sínteses envolvendo polímeros semissintéticos na primeira metade do século XIX. Consequentemente, passaram a ser utilizados por artistas na produção de obras de arte - e também por designers e arquitetos - desde que se tornaram disponíveis no mercado, com o início de sua produção industrial, sendo o primeiro registro de uma obra utilizando plástico do início do século XX.

Com o desenvolvimento de novos tipos de plásticos, uma grande variedade de obras e projetos surgiram fazendo uso deles e, aos poucos, esses materiais passaram a fazer parte de acervos e coleções. Por consequência, da mesma forma que os já conhecidos materiais tradicionais utilizados em artes, os plásticos também sofrem processos de deterioração ao longo do tempo, pela interação com agentes deteriorantes, e, por isso, precisam ser analisados e incluídos em planos de conservação museológica.

Brenda Keneghan, em seu artigo *Plastics? Not In My Collection* (1996), ao relatar o processo de identificação e catalogação do acervo plástico nas diversas coleções do museu britânico Victoria & Albert, evidencia um comportamento recorrente ao lidar com os profissionais responsáveis, que afirmavam com segurança não haver nelas materiais plásticos. Keneghan chamou o comportamento de “síndrome de negação de plásticos” (*plastics denial syndrome*), e comenta

Tradução da autora. Texto original: “I have attributed this syndrome to the probability that most people mistakenly associate plastics solely with modern living, bearing little relation to the past. Museum collections reflect society throughout history, however, and are influenced by both the fashion and materials technology of the day. As material culture has developed over the last two centuries, a much wider range of objects has been collected and synthetic materials have featured prominently”

Eu atribuí esta síndrome à probabilidade de a maioria das pessoas associar erroneamente os plásticos apenas à vida moderna, com pouca relação com o passado. No entanto, coleções museológicas refletem a sociedade ao longo da história, e são influenciadas pela moda e pela tecnologia dos materiais da época. À medida que a cultura material se desenvolveu ao longo dos últimos dois séculos, uma gama muito maior de objetos foi coletada e os materiais sintéticos apareceram com destaque(p. 1).¹

O termo “plástico” é utilizado para se referir a uma enorme gama de materiais poliméricos sintéticos, ou seja, que não existem originalmente na natureza (LEARNER, MADDEN, p. 5). De forma aprofundada, “plástico” se refere a materiais feitos a partir de polímeros sintéticos ou semissintéticos, que podem ser categorizados como termoplásticos, termorrígidos e elastômeros (borrachas).² Para melhor compreensão do leitor, este ensaio utiliza o termo de forma ampla, podendo indicar qualquer um destes tipos.

Materiais plásticos são fabricados a nível industrial e aplicados na vida cotidiana, na tecnologia e, inclusive, nas artes e no *design*, desde o começo do século XX. Já o início de seu desenvolvimento se deu mais cedo na história, na primeira metade do século XIX, quando a primeira borracha vulcanizada fora sintetizada para ser aplicada na fabricação de pneus. Ainda no mesmo século, foram sintetizados o nitrato e acetato de celulose, muito aplicados na mimetização de materiais nobres como mármore, marfim, madrepérola e casca de tartaruga, bem como na fabricação de filmes fotográficos e de cinema, e a caseína-formaldeído, produzida a partir da proteína do leite, que foi aplicada na fabricação de botões e agulhas de tricô (SHASHOUA, 2008, p. 21, 22, 24 e 25).

Até então, todos os plásticos criados eram semissintéticos, produzidos com polímeros naturais (celulose, caseína) quimicamente modificados. A partir das primeiras décadas do século XX foram surgindo os primeiros plásticos com polímeros sintéticos - como o fenol-formaldeído, o policloreto de vinila, entre outros -, o que avançou a criação e o aprimoramento de novos materiais, cada vez mais tecnológicos, e com aplicações para os mais diversos fins. Junto do desenvolvimento científico, artistas de diferentes localidades passaram a utilizar materiais plásticos para produzir suas obras de arte.

Um dos primeiros registros que se tem de plásticos utilizados enquanto material artístico é das obras do artista construtivista russo, Naum Gabo, e de seu irmão, Antoine Pevsner. Ambos fizeram bastante uso do nitrato de celulose em suas esculturas (Figura 1), como indica o site do Tate Museum, onde suas obras integram o acervo.

² Na química, a palavra plástico é utilizada para se referir aos termoplásticos, já que os outros dois tipos de material não possuem comportamento plástico (amolecer com aplicação de calor, podendo ser remoldado sem sofrer degradação).



Fig. 01: À esquerda “Model for Construction in Space ‘Two Cones’”, Naum Gabo, 1927. À direita “Head”, Antoine Pevsner, c. 1923-24. Fonte: site do Tate Museum.

Avançando no século XX, o movimento francês Nouveau Réalisme apresenta artistas que utilizaram materiais plásticos em seus trabalhos. César Baldaccini criou uma série de obras denominadas “expansões”, nas quais fazia uso de poliuretano expandido, permitindo que o material fluísse livremente, tomando formas de variadas dimensões (MAGALHÃES, 2015, p.14). Sua obra “Expansão Controlada” (Figura 02) esteve exposta na Bienal de Arte de São Paulo de 1967. No mesmo movimento, a artista Nikki de Saint-Phalle criou “A Fonte das Nanás”, feita de resina de poliéster, objeto de estudo na dissertação de mestrado “Materiais Plásticos no Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo: A Fonte das Nanás de Niki de Saint-Phalle”, de Camilla Vitti Mariano, de 2012.



Fig. 02: Expansão Controlada, César Baldaccini, 1968. Fonte: Site do MAC-USP.

No Brasil, um dos primeiros registros que se tem de materiais plásticos utilizados em obras de arte é nas produções do artista Marcello Nitsche, que incorporava um estilo *pop art* em suas criações. Seus trabalhos podem ser encontrados no site do MAM-Rio.³ Alguns artistas do movimento Neoconcreto também fizeram uso desses materiais. Lygia Clark, por exemplo, utilizou fórmica, folhas de nitrato de celulose e resina alquídica em seus trabalhos, de acordo com o site do MoMA.⁴ Também são encontrados plásticos nas obras de Hélio Oiticica, como em seus bólides e parangolés (Figura 3).

³ <https://mam.org.br/artista/nitsche-marcello/>

⁴ <https://www.moma.org/artists/27445>



Fig. 03: Parangolé P1 Capa 1, Hélio Oiticica, 1964. Fonte: Site da Enciclopédia Itaú Cultural.

Diversas edições da Bienal de Arte de São Paulo, nas décadas de 1960 e 1970, também foram marcadas pela presença de obras utilizando materiais plásticos. Na edição de 1965, a obra “Combustioni Plastiche”, do italiano Alberto Burri, chamou atenção recebendo destaque no catálogo do evento (OLIVEIRA, 2017, p. 317).

Avançando para a década de 1990, a artista carioca Márcia X apresentou materiais plásticos marcantes em seus trabalhos. Na obra “Os Kaminhas Sutrinhas”, de 1995, formada quase que inteiramente de materiais plásticos, a artista dispõe várias camas de brinquedos no chão, com duplas ou trincas de bonecos plásticos de bebês sem roupas e sem cabeça, encaixados de forma referente a posições sexuais. Já na série “Fábrica Fallus” (Figura 4), de 1992 a 2004, a artista enfeita das mais diferentes maneiras pênis de borracha e vibradores, fazendo alusão à infância, práticas sexuais, valores religiosos e outras questões sociais.

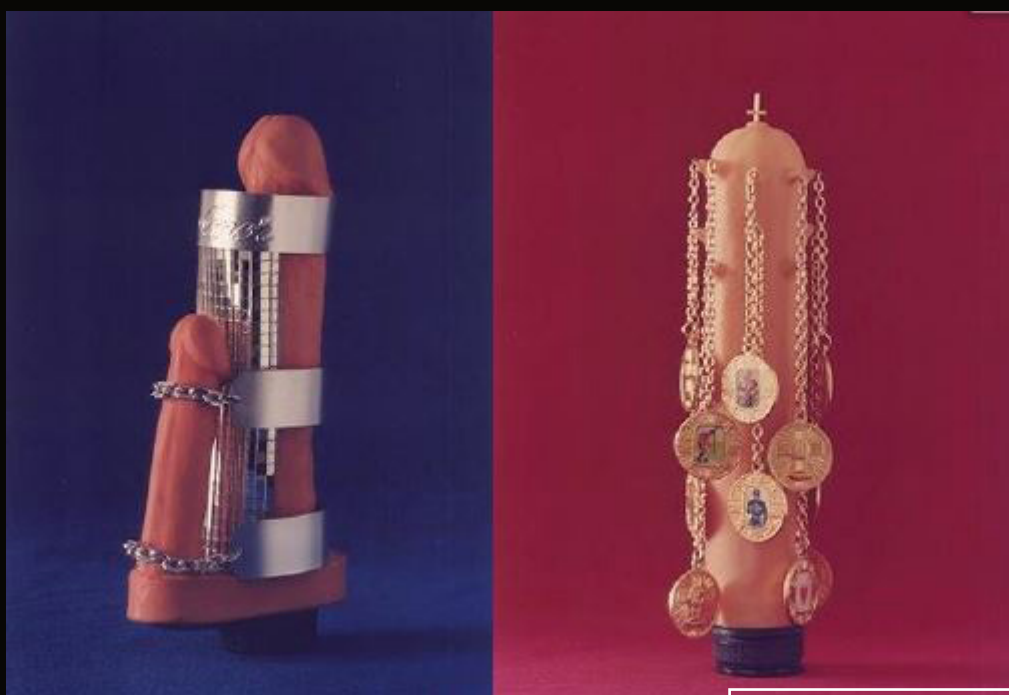


Fig. 04: Obras da série “Fábrica Fallus”, ambas sem título, de Márcia X, 1992-2004. Fonte: Site Márcia X.

Conforme visto, os materiais plásticos são utilizados para fins artísticos desde o início do século XX, partindo das criações de Gabo e Pevsner. Com o constante desenvolvimento e aprimoramento tecnológico, obras cada vez mais elaboradas vêm sendo criadas, tornando cada vez mais imprescindível o estudo e conhecimento destes materiais, de seus processos de deterioração e formas adequadas de conservação por profissionais atuantes em acervos e coleções

com este perfil. É por este fator que faz-se urgente o planejamento de equipes multidisciplinares para lidar com acervos com grande variedade material, principalmente com a presença de plásticos. Em artigo de 2005 Keneghan comenta que em 1998 o título do trabalho referente à conservação do acervo plástico do Victoria & Albert Museum fora alterado para “cientista de polímeros”, por se reconhecer que as degradações que os materiais sofrem são de natureza química, sendo necessário um profissional com formação científica para se ter uma boa compreensão dos processos existentes antes de qualquer abordagem interventiva ser aplicada.

Diferentes tipos de plástico irão reagir e deteriorar de formas variadas, por apresentarem diferentes estruturas químicas, e podem apresentar processos de degradação irreversíveis (KENEGHAN, 2005, p.1). Os chamados por Williams (2002, p.1) de “plásticos malignos”, – acetato e nitrato de celulose, PVC, poliuretano e borracha vulcanizada – apresentam riscos ainda maiores, porque além de deteriorarem com maior facilidade, acabam liberando produtos de deterioração que também podem afetar outras obras no entorno, feitas de plástico ou não. Assim, é de extrema importância que se faça levantamento nas coleções museológicas, para que os profissionais possam dimensionar o acervo presente, encaminhar processos de identificação das estruturas e elaborar planos adequados de conservação.

Nas últimas duas décadas, o interesse na conservação do plástico tem aumentado cada vez mais, visto o número crescente de pesquisas e publicações estrangeiras referentes ao assunto. O periódico “*Conservation Perspectives*”, do *Getty Conservation Institute* (GCI), possui duas edições recentes que focam apenas em materiais plásticos e modernos.⁵ Na Europa, ocorreu de 2008 a 2012 o projeto POPART (*Preservation of Plastic Artefacts in Museum Collections* – Preservação de artefatos plásticos em coleções museológicas), envolvendo o GCI e um consórcio de instituições e laboratórios europeus, que tinha como principais objetivos identificar métodos apropriados para análises de plásticos; investigar a degradação de plásticos; e, por fim, fornecer orientações práticas referentes à conservação e gestão de coleções com objetos plásticos do patrimônio cultural (LAVÉNDRINE, RIVENC, SCHILLING, 2009, p.11; LEARNER, MADDEN, 2014, p.9). Os resultados e desdobramentos do projeto podem ser encontrados em seu site oficial.⁶

⁵ Volume 24, nº 2 e volume 29, nº 1.

⁶ <https://popart-highlights.mnhn.fr>

No Brasil, existem algumas pesquisas publicadas com enfoque em patrimônio cultural plástico de relevância para a área, das quais aqui cito duas: na dissertação “Acervos de obra de arte em plástico: perfil das coleções e propostas para conservação destes bens”, de Conceição Linda de França (2010) a autora analisa o acervo plástico em coleções de instituições brasileiras (Instituto Cultural Inhotim, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães e Museu Paulista/Museu Ipiranga), realizando detalhado levantamento, excluindo apenas pinturas com base acrílica ou vinílica e adesivos. Já na dissertação “O percurso do objeto pela trilogia museológica como estratégia de conservação preventiva: musealização, pesquisa e gestão em acervos com objetos de plástico em museus públicos no RS, Brasil”, de Fernanda de Tartler Matchisnke (2018), a autora trata do percurso de objetos plásticos em museus públicos no Rio Grande do Sul, a partir dos processos de musealização, pesquisa e gestão de museus e acervo, utilizando como base de estudo o Museu Julio de Castilhos e o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, ambos em Porto Alegre.

Apesar da importância dos trabalhos citados, e de outros publicados, ainda não são tão expressivas as publicações específicas sobre a conservação de objetos plásticos no Brasil, se comparado às pesquisas envolvendo materiais tradicionais na mesma área. Por essa razão o aprofundamento do estudo de materiais plásticos se torna essencial por profissionais que atuam com acervos deste perfil, a fim de diminuir as dúvidas e incertezas referente a eles, e aumentar sua compreensão. Por serem materiais de abordagem desafiadora, que apresentam variedade de estruturas químicas e maneiras que sofrem deterioração, requerem atenção e conhecimento para serem tratados da forma mais adequada em planos de conservação. Pelo fato de ainda não serem tão explorados no país, existe um incentivo (em parte) não dito ao mergulho na pesquisa desta materialidade tão interessante, por estudantes em formação e profissionais já atuantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDACCINI, C. **Expansão Controlada**, 1967. Poliuretano. 221,5 x 171,4 x 116,7 cm. MAC-USP. Fonte: <<https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/objects/18328>> Último acesso em 31 ago. 2022.

FRANÇA, C. L. **Acervos de obra de arte em plástico: perfil das coleções e propostas para conservação destes bens**. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2010.

GABO, N. **Model for Construction in Space ‘Two Cones’**, 1927. Celluloid (nitrato de celulose). 86 x 108 x 124mm. Tate Museum. Fonte: <<https://www.tate.org.uk/art/artworks/gabo-model-for-construction-in-space-two-cones-t02169>>. Último acesso em 31 ago. 2022.

KENEGHAN, B. **Plastics? Not in my collection**. *Conservation Journal*, issue 21, outubro de 1996. Disponível em <<http://www.vam.ac.uk/content/journals/conservation-journal/issue-21/plastics-not-in-my-collection/>>. Último acesso em 10 out. 2022.

KENEGHAN, B. **Plastics preservation at the V&A**. *Conservation Journal*, issue 50, 2005. Disponível em <<http://www.vam.ac.uk/content/journals/conservation-journal/issue-50/plastics-preservation-at-the-v-and-a/>>. Último acesso em 10 out. 2022.

LEARNER, T; MADDEN, O. **Preserving Plastics - An Evolving Material, a Maturing Profession**. *Conservation Perspective – The GCI Newsletter*. v. 29, n. 1, pp. 4-9, 2014. Disponível em: <https://www.getty.edu/conservation/publications_resources/newsletters/29_1>. Último acesso em 31 ago. 2022.

MAGALHÃES, A. C. BALDACCINI. **Acervo: Outras abordagens**, São Paulo, v. II, 2ª edição pp. 18-19, 2015. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/380>>. Último acesso em 31 ago. 2022.

MARIANO, C. V. **Materiais plásticos no acervo da Pinacoteca do Estado de São**

Paulo: A Fonte das Nanás de Niki de Saint Phalle. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

MATCHINSKE, F. T. **O percurso do objeto pela trilogia museológica como estratégia de conservação preventiva: musealização, pesquisa e gestão em acervos com objetos de plástico em museus públicos no RS, Brasil**. Dissertação (mestrado em Museologia e Patrimônio) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

OITICICA, H. **Parangolé PI Capa I**, 1964. Plástico e tecido. Fonte: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66394/para>>. Último acesso em 31 ago. 2022.

OLIVEIRA, H. M. S. **Alberto Burri (1915-1995) e a Bienal de São Paulo**. In: *Encontro de História da Arte*, XII, 2017, Campinas. Os Silêncios na História da Arte, Campinas: UNICAMP, 2017, pp. 314-320. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Helder%20Manuel%20da%20Silva%20de%20Oliveira.pdf>>. Último acesso em 31 ago. 2022.

PEVSNER, A. Head. c. 1923-4. **Nitrato de celulose**. 77 x 59 x 92 mm. Tate Museum. Fonte: <<https://www.tate.org.uk/art/artworks/pevsner-head-t02241>>. Último acesso em 31 ago. 2022.

SHASHOUA, Y. **Conservation of plastics**. 1st edition. Oxford: Butterworth Heinemann, 2008.

WILLIAMS, S. **Care of plastics: Malignant plastics**. *WAAC Newsletter*, v. 24, n. 2, 2002. Disponível em <<https://cool.culturalheritage.org/waac/wn/wn24/wn24-1/wn24-102.html>>. Último acesso em 31 ago. 2022.

X, M. **Sem título (série Fábrica Fallus)**, 1992-2004. Fonte: <<http://marciax.art.br/mxObra.asp?sMenu=1&sObra=13>> Último acesso em 31 ago. 2022.

X, M. **Sem título (série Fábrica Fallus)**, 1992-2004. Fonte: <<http://marciax.art.br/mxObra.asp?sMenu=1&sObra=2>> Último acesso em 31 ago. 2022.